



EM BUSCA DO LUGAR DE FRANZ BOAS NA GEOGRAFIA CULTURAL

■ JÖRN SEEMANN – UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI / URCA

RESUMO

FRANZ BOAS É CONSIDERADO UMA DAS FIGURAS MAIS IMPORTANTES DA FORMAÇÃO E SISTEMATIZAÇÃO DA ANTROPOLOGIA AMERICANA. APESAR DE SUA SÓLIDA FORMAÇÃO COMO FÍSICO E GEÓGRAFO, BOAS NÃO EXERCEU UMA INFLUÊNCIA SIGNIFICATIVA NA GEOGRAFIA, TANTO QUE ALGUNS GEÓGRAFOS NÃO O AVALIAM PELO QUE CONTRIBUIU, MAS PELO QUE PODERIA TER CONTRIBUÍDO PARA A DISCIPLINA. A ANÁLISE DE SUA EXTENSA PRODUÇÃO CIENTÍFICA E DE SUAS BASES FILOSÓFICAS À LUZ DE SUA TRAJETÓRIA DE VIDA PODE ESTIMULAR UM DEBATE MAIS AMPLO SOBRE A INFLUÊNCIA INDIRETA, POTENCIAL OU VIRTUAL DE BOAS NA GEOGRAFIA CULTURAL. NESSE CONTEXTO, TRÊS TÓPICOS REFERENTES AOS ESTUDOS SOBRE ESPAÇO E CULTURA PODEM SER DESTACADOS: A RELAÇÃO ENTRE HOMEM E MEIO AMBIENTE, O CONCEITO DE ÁREA CULTURAL E A DIFUSÃO CULTURAL.

PALAVRAS-CHAVE: FRANZ BOAS; ROMANTISMO ALEMÃO; GEOGRAFIA BOASIANA; GEOGRAFIA CULTURAL.

Seis décadas após sua morte, Franz Boas (1858-1942) continua sendo uma das figuras mais importantes e controvertidas do processo de formação e sistematização da Antropologia americana como disciplina distinta na primeira metade do século XX. Embora não possa ser negado o papel instrumental de Boas nessa reorganização, sua contribuição não foi no sentido de criar novos conceitos e abordagens, mas de ter efetivamente desafiado e reformulado idéias vigentes e predominantes daquela época (Rohner e Rohner, 1969:30).

Entre os antropólogos pós-coloniais, neo-evolucionistas e neoboasianos encontram-se posições que variam entre adulação e condenação no que concerne ao valor da obra de Boas (Rohner e Rohner, 1969:13). Essa diversidade de opiniões, portanto, revela um ponto comum: a minimização da importância efeti-

va da contribuição de Boas pelos antropólogos das últimas décadas (Stocking Jr., 2001:25). Enquanto alguns autores (por exemplo, White, 1963) reafirmaram a abordagem evolucionista que Boas e seus primeiros estudantes criticaram sistematicamente, outros o condenaram por não ter contribuído com a criação de teorias. Teria sido eficiente em seu método e temperamento, mas não no estabelecimento de seus objetivos, mostrando-se defensor de uma "Psicologia Social pseudocientífica empobrecida" como resultado de um empirismo que "era tão extremo que se tornou prejudicial ao progresso da disciplina" (Wax, 1956).

Muitas publicações sobre a vida de Boas (por exemplo, Kroeber et al., 1943; Goldschmidt, 1959a) enfatizam mais a forte personalidade de Boas que sua influência na Antropologia. Segundo Kroeber (1943:24), os elementos dinâmicos da Antropologia boasiana não foram sua ideologia e metodologia, mas

o próprio homem e suas idéias. Boas não fez "grandes descobertas somatórias" e não tinha inclinação para criar sistemas fechados de idéias. Elas eram múltiplas, unidas no fluxo e no equilíbrio, como o mundo de fenômenos com o qual lidou. Portanto, rótulo algum combinava com ele (idem, *ibidem*).

A influência de Boas, portanto, se concentrou na Antropologia e nas áreas vizinhas, porque "por muito tempo tem sido notoriamente difícil conduzir a essência da contribuição de Boas na antropologia para os não-antropólogos" (idem, *ibidem*).

Entre as publicações geográficas, existem poucos textos sobre a relação entre Franz Boas e a Geografia. Enquanto Benison (1949) relata a Geografia na carreira inicial de Boas dando ênfase às suas primeiras pesquisas de campo e às dificuldades de financiá-las, Trindell (1969:330) procura apontar a influência geográfica nas abordagens boasianas que não ficaram tão distantes de muitas pesquisas e métodos da Geografia Cultural do final da década de 1960. No começo do século XX, o pensamento geográfico de Boas se encontrava na contramão da abordagem determinista da Geografia acadêmica americana daquela época, tanto que não deve ser julgado pelo que contribuiu para a geografia, mas pelo que poderia ter contribuído (idem:328), à medida que "o reconhecimento de suas idéias desde o início concebivelmente poderia ter tido um impacto maior sobre a Geografia Cultural americana" (idem, *ibidem*).

Em outras regiões, portanto, Boas não representava uma influência importante. Na Inglaterra seus textos não eram uma referência para os antropólogos, os quais consideravam suas publicações obra de "um coletor e preservador de volumosos dados que se tornam uma leitura entristecedora, pois não são iluminados por uma teoria coerente" (Kroeber, 1956). Na França, Boas tinha sido totalmente ignorado pelos

geógrafos (Vidal de La Blache, Jean Brunhes e Pierre Deffontaines), que se ocupavam mais com problemas culturais (Claval).

Os livros introdutórios no campo da Geografia Cultural (por exemplo, Mitchell, 2000; Jackson, 1989) mencionam Boas como um "fato histórico" que é lembrado apenas à sombra de seus discípulos Rob Lowie e Alfred Kroeber que, como "vizinhos" de Sauer na universidade de Berkeley¹, foram os principais responsáveis pela elaboração e desenvolvimento do conceito Antropologia (Stocking Jr., 1966) e tiveram um forte impacto na Geografia Cultural americana de Carl Sauer². Speth (1999:234) afirma que o grau e a natureza da influência de Boas sobre Carl Sauer são conhecidos imperfeitamente, pois Sauer assimilou muitas das idéias boasianas indiretamente através de Kroeber e Lowie e das publicações do próprio Boas, as quais, no entanto, não apareceram nas referências bibliográficas de Sauer. Muitos autores (por exemplo, Stocking Jr. 2001:45; Kroeber, 1943:24; e Mead, 1959:30) negam a existência de uma escola boasiana de Antropologia, enquanto Hershkovits (1959) observa que a expressão escola é um termo enganoso, porque "desde que a Antropologia tem sido identificada como uma disciplina distinta, uma 'escola' tem sido um grupo de acadêmicos que, apesar de usar a mesma abordagem, têm forjado suas unidades no fogo das controvérsias".

Ao discutir a obra de Boas, muitos pesquisadores esqueceram que Boas tinha uma sólida formação em Física e atuava como geógrafo antes de se tornar antropólogo. Apesar de suas publicações na área da Geografia (principalmente entre 1883 e 1891), a literatura sobre metodologia geográfica sequer menciona "uma referência casual a qualquer de suas publicações" (Trindell, 1969:328). Por essa razão, este texto toma como propósito analisar os trabalhos de Franz Boas

a partir dos elementos geográficos de sua obra, para estimular um debate sobre seu significado, seja indireto, potencial ou virtual, na Geografia Cultural. Para essa finalidade serão apresentados um breve histórico de sua vida e obra, e uma discussão de suas bases filosóficas que se enquadram na "tradição alemã" do século XIX e que abriram caminho para o historicismo na Antropologia americana. Num segundo momento serão discutidos alguns elementos desta Geografia boasiana para definir o lugar de Franz Boas na Geografia Cultural do começo do terceiro milênio.

VIDA E TRAJETÓRIA PROFISSIONAL _____

Franz Boas nasceu na cidade de Minden na região da Vestfália (Alemanha) como o quarto de seis filhos de um comerciante, em "um lar alemão no qual os ideais da Revolução de 1848 foram uma força viva" (Stocking, 1974:41)³. Entre 1877 e 1881, freqüentou sucessivamente a Universidade de Heidelberg, a de Bonn e a de Kiel, onde se dedicou principalmente às ciências naturais, sobretudo à Física. Para a obtenção do título de doutor, Boas defendeu uma tese intitulada Contribuições para o Reconhecimento da Corda Água (Boas, 1881), sob orientação do geógrafo Theobald Fischer, o qual Boas acompanhou de Bonn para Kiel. Fischer foi o único de seus professores que "emergiu como uma figura distintivamente pessoal" (Kluckhohn e Prufer, 1959:8). Depois de um ano como voluntário no exército alemão (1881-1882), Boas partiu para uma pesquisa de campo sobre os esquimós do nordeste do Canadá (Baffinland), através dos contatos com a Berliner Gesellschaft für Erdkunde (Associação Berlinense de Geografia), o Museum für Völkerkunde (Museu de Etnologia de Berlim) e a Comissão Polar Alemã (1883-1884). De volta à Alemanha em 1885, foi nomeado assis-

tente do antropólogo Adolf Bastian no Museum für Völkerkunde em Berlim. Paralelamente, preparou sua dissertação de habilitação na Universidade de Berlim para se tornar docente em Geografia Física. Devido a brigas internas, a chamada de Boas se atrasou e ele deu preferência a uma pesquisa de campo na British Columbia, no Noroeste do Canadá, junto com os índios Kwakiutl, os quais se tornariam objeto de seus estudos e pesquisas de campo até o final de sua vida.

Em 1887, Boas emigrou para os Estados Unidos alegando razões pessoais (casamento), raciais (o anti-semitismo durante seus estudos na universidade) e profissionais (falta de perspectiva e intrigas em Berlim). Para ele, as "convenções germânicas" tinham a tendência de restringir um jovem cientista a uma carreira universitária rotineira sem um campo mais amplo de atividades (Kroeber, 1943:11).

No mesmo ano, tornou-se editor assistente da revista Science, em Nova Iorque, para a qual escreveu cerca de cinquenta pequenos artigos e resenhas até partir novamente para British Columbia, numa viagem de reconhecimento dos costumes, crenças e línguas das tribos indígenas da costa oeste. Em suas treze viagens de campo para British Columbia (entre 1886 e 1931), Boas se dedicou a temas os mais diversos possíveis, desde mapas etnográficos e lingüísticos, medições antropométricas e costumes de diferentes tribos até a coleta de esqueletos humanos, máscaras de gesso dos rostos dos índios, fotografias e a gravação de músicas e contos.

Em 1889, Boas aceitou o convite para assumir a cadeira de Antropologia na Clark University, em Worcester, e orientou o primeiro doutorado em Antropologia nos Estados Unidos (1892). Porém, logo em seguida pediu demissão por falta de perspectiva de crescimento, assumindo o cargo de assistente-

chefe do Departamento de Antropologia da World's Columbian Exposition de Chicago, uma feira internacional que em 1893 atraiu cerca de 27 milhões de visitantes e que tinha como objetivo celebrar os 400 anos da viagem de Colombo e do "descobrimento" do Novo Mundo. Depois de um curto período como curador no Chicago Field Museum (1894), Boas foi convidado para a Universidade de Columbia, em Nova Iorque (1896), onde se tornou professor de Antropologia (1899) e ensinou principalmente as disciplinas de Teoria Estatística e Línguas Indígenas Norte-Americanas até sua aposentadoria em 1936.

Entre as demais atividades, Boas participou da Expedição Jesup (1897-1902), para estudar a relação entre os povos do Noroeste dos Estados Unidos e os da Ásia; da International School of American Archaeology and Ethnology; editou o *Journal of American Folklore*, entre 1908 e 1925; e fundou o *Journal of American Linguistics*, em 1917. O número de publicações chega a mais de 700 artigos, entre resenhas e livros (Andrews et al., 1943). Entre suas obras mais importantes constam *The Mind of Primitive Man*, publicada em 1911 e revista em 1938 (a versão alemã, *Kultur und Rasse*, foi lançada em 1914 e encontrava-se entre os livros que os nazistas queimaram publicamente), *Primitive Art* (1927), *Anthropology and Modern Life* (1928), *General Anthropology* (1938) e *Race, Language and Culture* (1940)⁴. Este último representa um recorte da carreira de Boas, que "incorpora sua própria seleção do que era mais significativo entre seus artigos, palestras e monografias" (Kroeber, 1943:25).

Por sua formação, alguns autores consideram Boas o último antropólogo a "abraçar o campo inteiro da Antropologia", levando-se em conta que a do presente se tornou ramificada demais, exigindo

conhecimentos específicos para cada sub-área de conhecimento (Spier, 1959:146).

FRANZ BOAS E A "TRADIÇÃO ALEMÃ" _____

Para compreender a Antropologia boasiana, torna-se necessário revelar as tendências e correntes filosóficas da Alemanha no fim do século XIX, nas quais a orientação científica de Franz Boas ocupa uma posição peculiar dentro de e entre duas tradições do pensamento alemão: "o espírito historicista do idealismo romântico" e "a envelada filosofia do materialismo físico" (Stocking Jr., 1996:35).

Bunzl (1996) define a Antropologia boasiana como uma tentativa de fundir as duas filosofias de *Geisteswissenschaften* (ciências da mente) e *Naturwissenschaften* (ciências naturais) e encontra maior influência nos irmãos Wilhelm e Alexander von Humboldt.

Wilhelm von Humboldt (1767-1835) é considerado um representante das *Geisteswissenschaften*, que remetem ao Romantismo alemão e às idéias do filósofo Johann Gottfried Herder (1744-1803), que defendia uma Filosofia da História centrada na expressão das culturas nacionais, concebendo o mundo "como um agregado de comunidades, raças e nações, todas marcadas por seu desenvolvimento individual e carregadas de uma identidade própria" (Gomes, 1996:103). Ao celebrar sua individualidade, cada cultura forma um todo orgânico, e os seus valores, crenças, tradições e linguagens só podem ser compreendidos por dentro (Bunzl, 1996). Essa corrente de "História Romântica" inicia uma tradição de relativismo cultural e rompe, ao mesmo tempo, com a concepção da história como ciência predefinida e desenhada por uma entidade divina (como aparece na Teleologia de Carl Ritter) e com

o mundo-máquina, previsível em suas causalidades newtonianas (Gomes, 1996:105).

Seguindo esta filosofia, Wilhelm von Humboldt propôs uma "Antropologia Comparativa", isto é, o estudo dos aspectos políticos, religiosos e internos das diferentes nações para captar o caráter nacional (Nationalcharakter) de cada povo (Bunzl, 1996). Nesta abordagem, von Humboldt enfatiza as línguas como representações mais autênticas e imediatas entre todos os outros fatores psicológicos fundamentalmente irracionais, como habilidades, sentimentos ou desejos, dando preferência à abordagem indutiva do historiador em detrimento dos procedimentos do cientista natural com suas descrições dos fatos externos que apenas poderiam contribuir para a compreensão da história, mas não seriam forças determinantes (Bunzl, 1996).

Wilhelm Von Humboldt foi uma referência muito forte para uma geração de historiadores alemães como Gustav Droysen (1808-1884) e Leopold von Ranke (1795-1886), e de filósofos como Wilhelm Dilthey (1833-1911), que atribuíram às Geisteswissenschaften o conceito de Verstehen (compreender) e às Naturwissenschaften o Erklären (explicação dos fenômenos individuais conforme as leis da natureza).

Também influentes do pensamento boasiano foram os psicólogos Heymann Steinthal (1823-1899) e Moritz Lazarus (1824-1903), que tinham como objetivo a descrição das manifestações culturais das "mentalidades dos povos" (Volkgeist) em tempo e espaço para descobrir, através da comparação de dados, as leis que determinaram o desenvolvimento psicológico de um povo.

Outro impacto forte no pensamento de Franz Boas foi Alexander von Humboldt (1769-1859), que se encontrava no campo das Naturwissenschaften,

não como físico, mas historiador da natureza. Cético da filosofia newtoniana do Iluminismo, de reduzir o mundo a princípios abstratos, opunha-se a métodos antiempíricos, dedutivos e especulativos que resultariam em classificações arbitrárias ou prematuras. Para von Humboldt, o objeto da ciência era a Cosmografia, definida como descrição completa da realidade física da natureza, sendo o Kosmos a História física do mundo (Bunzl, 1996). Por conseqüência, todos os sistemas e esquemas de classificação só poderiam ser criados através da indução e com base nos dados empíricos e não nas categorias pré-determinadas sobre a realidade externa.

Foi o antropólogo Adolf Bastian (1826-1905), diretor do Museum für Völkerkunde em Berlim, que fundiu as duas correntes humboldtianas numa abordagem abrangente que mais tarde se tornaria a base da Antropologia boasiana. Bastian combinou a descrição exata da realidade física com uma sensibilidade pelas particularidades culturais e suas trajetórias históricas individuais (Bunzl, 1996). Os seres humanos seriam produtos históricos tanto de seu mundo espiritual quanto de seu ambiente físico, e a tarefa do pesquisador seria a coleta e interpretação de determinadas idéias populares, resultando na descoberta de Elementargedanken (pensamentos elementares), uma gama limitada de idéias e modos de pensar que permeiam o espaço.

Essas influências levaram Franz Boas a adotar um "pensamento contra-iluminista", que se baseava nos seguintes princípios (Bunzl, 1996): a descrença na descoberta de leis naturais que governam o comportamento humano, a rejeição de uma unidade psíquica comum para toda a humanidade em qualquer época e lugar, o foco na individualidade e diversidade dos fenômenos e não em sua semelhança e universalidade, e

a ênfase no desenvolvimento histórico real (indução) em vez de conjecturas e especulações (dedução).

BOAS E O "ESTUDO DA GEOGRAFIA" _____

A tese de doutorado de Boas ilustra muito bem o conflito entre as duas correntes da "tradição alemã". Ao analisar cientificamente a cor da água e as causas de suas diferentes colorações (Boas, 1881:9), passou a questionar seu próprio trabalho, quando reconheceu que havia domínios da experiência humana aos quais os conceitos de quantidade não eram aplicáveis. A tese caracteriza sua vida futura na Antropologia na qual objetivava a "aplicação de análises e provas tão rigorosas quanto na Física para fenômenos naturais e culturais" (Kroeber, 1943:5), chegando à conclusão de que as leis comparáveis às da Física representariam uma limitação para estes estudos porque eram inatingíveis. Sua tese sobre a cor da água levantou determinados aspectos sobre a "conseqüência do ponto de vista do observador" a respeito da medição quantitativa de fenômenos perceptuais, o que mais tarde o levaria a verificar como suposições quantitativas, deterministas e mecânicas da Física poderiam ser aplicadas ao estudo de fenômenos psíquicos de vários tipos (Stocking, 2001:35).

Muitas de suas publicações nessa época foram teóricas e matemáticas, e não experimentais; e a Psicologia era apenas uma "medida pela metade" para ele. O objetivo de Boas, portanto, não foi a aplicação da física aos fenômenos humanos, mas a transferência de sua essência e metodologia aonde isso fosse possível.

da Geografia como disciplina independente para não ser "desintegrada e engolida" pela Geologia, Botânica, História e outras ciências que tratavam de assuntos similares ou idênticos àqueles da geografia (Boas, 1940b:639). Nesse texto, Boas assinala que o

"estabelecimento de fatos é o fundamento e ponto de partida da ciência" (idem:641), e diferencia o "desejo estético de sistematizar o mundo aparentemente caótico" do "impulso afetivo de estudar um fenômeno individual independentemente de seu lugar no sistema científico" (idem:643). A primeira abordagem é naturalista e segue as regras do Positivismo comteano. Todos os fenômenos físicos estariam sujeitos a leis e à comparação de fatos semelhantes, e o isolamento de fenômenos gerais para todos esses fatos levaria à descoberta de leis. Neste contexto, o fenômeno singular se tornaria insignificante e serviria apenas para exemplificar ou corroborar leis, fazendo com que fosse visto somente o impulso estético que apenas consideraria "a ordem bonita do mundo" (idem:645).

A segunda visão corresponde aos métodos do historiador que estuda fatos fisiológicos e psicológicos não sujeitos a leis severas. Devido à falta de conhecimento sobre esses fatos não seria possível formular e criar leis e regras. Com base na Cosmografia de Alexander von Humboldt, cada fenômeno valeria a pena ser estudado por si mesmo para obter conhecimento de sua existência no tempo e no espaço. O que importa não seria a explanação (Erklären), mas a compreensão (Verstehen) do fenômeno que deveria ser investigado até que cada característica se tornasse clara. Daí a necessidade de um "impulso afetivo, um sentimento pessoal e uma empatia com o fenômeno estudado" (idem:642).

Nesse sentido, para consolidar uma Antropogeografia como domínio da Geografia seria necessário conceber a disciplina como "parte da Cosmografia que tem suas origens nos impulsos afetivos e no desejo de compreender os fenômenos e a história de um país ou do planeta inteiro, o lar da humanidade" (idem:647).

No entanto, por volta de 1886, Franz Boas dedicou sua atenção às pesquisas antropológicas sem abandonar totalmente a dimensão geográfica dos problemas.

A ênfase da posição de Boas foi a abordagem histórica dos fenômenos. No fim do século XIX, foi o único cientista que consistentemente atacou os princípios da Teoria da Evolução Cultural e seu raciocínio dedutivo, e demonstrava a invalidade do determinismo geográfico e o caráter predominantemente etnocêntrico das pesquisas etnológicas para enfatizar sua abordagem empírica e dedutiva para a coleta e análise de dados, e priorizar mais os fatos e menos a teoria especulativa (Rohner e Rohner, 1969:16).

Mesmo com sólida formação em física, Boas reconheceu que os fenômenos culturais eram de tal complexidade que seria duvidoso encontrar leis culturais válidas (Boas, 1940e:268). Os dados antropológicos não poderiam ser reduzidos a uma fórmula que pudesse ser aplicada a todos os casos, explicando seu passado e predizendo seu futuro (idem, *ibidem*).

Para Boas, cultura era um conjunto de "manifestações de costumes sociais de uma comunidade, as reações dos indivíduos quando atingidos pelos costumes de seu grupo e os produtos das atividades determinadas por esses costumes" (Boas, 1930:74). Essa definição de cultura ganha uma dimensão histórico-geográfica, quando o objetivo da Antropologia é concebido como estudo de "raças, línguas e culturas que se encontram em localidades diferentes e seguem uma a outra na seqüência do tempo" (idem:73).

As idéias de Boas são mais conhecidas sob o rótulo de "historicismo". Conforme essa corrente de pensamento, a Antropologia deve ser considerada uma ciência histórica cujo objetivo é "a tentativa de compreender os passos através dos quais o homem chegou a ser o que é, biológica, psicológica e cultural-

mente" (Boas, 1940f:244). Em outras palavras, não são costumes e crenças que representam o último objeto de pesquisa. O que interessa é descobrir a história de seu desenvolvimento, as razões por que esses costumes e crenças existem (Boas, 1940d:276). E para compreender um fenômeno não é suficiente saber o que é, mas também como surgiu (Boas, 1940g:305). "Histórico", nesse sentido, significa que cada traço e cada configuração cultural devem ter possuído uma forma antecedente específica (Spier, 1959:147), e a vida de um povo em todos os seus aspectos é resultado de sua história. Assim, os fenômenos mais insignificantes da vida social são importantes para o pesquisador, afinal são expressões de acontecimentos históricos, sendo parte de dados através dos quais o passado precisa ser reconstruído (Boas, 1940c:632).

Dessa maneira, esta abordagem se propôs a defender um "estudo cuidadoso e bem detalhado de fenômenos locais, dentro de uma área bem definida e geograficamente pequena, com comparações limitadas à área cultural que constituiu a base da investigação. Desse estudo emergiram histórias das culturas de diferentes tribos" (Marconi e Presotto, 1992:265).

Keesing (1961:235) lista as principais características positivas desta abordagem: os boasianos acentuaram a identificação dos componentes da cultura mediante observação objetiva e trabalhos de campo, salientaram a identidade de uma cultura e a necessidade de estudo de culturas específicas em termos dos comportamento básico em causa, e impuseram normas críticas à reconstituição histórica. Além disso, realizaram a determinação, quando possível, dos eventos reais de invenção e difusão substituindo o "frouxo hábito evolucionário de juntar fragmentos de comportamento cultural do mundo inteiro para formar uma seqüência" (idem, *ibidem*).

Por outro lado, este método também encontrou críticos que acusaram os historicistas de um "excessivo tratamento unitário da cultura" em detrimento de seus aspectos universais e da "manipulação estatística dos traços, levando a pensar que as distribuições culturais ocorreram de modo mecânico", gerando um "determinismo cultural (...) que considerava o indivíduo o elemento passivo no qual a cultura, elemento ativo, seria impressa" (Marconi e Presotto, 1992:266). Outras vezes criticaram o caráter descritivo das pesquisas que transformaram a Etnologia em Etnografia e mostraram uma "preocupação exagerada por documento, tudo que fosse possível sobre os povos primitivos, antes que estes viessem a desaparecer ao contato com a civilização" (Mello, 1983:234).

CONTRIBUIÇÕES DE FRANZ BOAS PARA A GEOGRAFIA ____

Ao analisar as publicações de Franz Boas, Trindell (1969) aponta três tópicos interligados para os quais Boas poderia ter fornecido uma visão mais aprofundada para os geógrafos, especialmente para os culturais: (1) a relação entre homem e meio ambiente, levando-se em conta que Boas foi um "determinista renegado" que por mais de 50 anos conduziu uma "cruzada polêmica contra o ambientalismo grosseiro" (Livingstone, 1992:291), (2) as áreas culturais e (3) a difusão cultural. Para Boas, portanto, estes temas não representavam o objeto de sua pesquisa, mas foram apenas "subprodutos" em sua preocupação com a dinâmica cultural. As características destes três complexos temáticos serão discutidas brevemente.

OS EQUIPAMENTOS URBANOS _____

Em sua viagem ao nordeste do Canadá (Baffinland) em 1883, Franz Boas tinha a *Anthropogeographie* de Friedrich Ratzel em sua bagagem e

acreditava no determinismo inegável do ambiente e na imposição de forças naturais na vida dos esquimós, mas sua estada revolucionou seu ponto de vista (Spier, 1959:146). Na publicação resultante dessa pesquisa (Boas, 1885), Boas ainda mostrou as influências deterministas quando afirmava que seus estudos antropogeográficos objetivavam discutir as relações diretas entre terra e povo sem entrar muito na discussão sobre as inúmeras características da vida dos esquimós, objetivando descrever sua distribuição geográfica para em seguida poder destacar os elementos característicos condicionados pela natureza de cada tribo (Boas, 1885:66). Nesse sentido, os "povos naturais" (*Naturvölker*) que viviam sob condições simples representavam um grupo-alvo ideal, porque permitiam elaborar problemáticas simples e claras para encaminhar as pesquisas (idem:37).

A viagem, portanto, não resultou num fortalecimento de sua posição determinista, mas provocou uma "desilusão completa" a respeito da importância dos fatores geográficos como elementos criadores da vida cultural (Boas, 1940g:306). A conclusão de Boas foi que as condições ambientais podem estimular atividades culturais, mas não são forças criativas, porque:

O solo mais fértil não gera agricultura, águas navegáveis não resultam em navegação, a presença abundante de madeira não constrói casas de madeira, mas onde a agricultura, a arte da navegação e a arquitetura existem, elas serão estimuladas e em parte moldadas pelas condições geográficas. Conforme as propriedades culturais dos povos, o mesmo ambiente influenciará a cultura em diferentes maneiras (Boas, 1940e:266)⁵.

Em resumo, os fatores geográficos podem ser "relevantes para limitar e modificar culturas existentes" (Boas, 1940g:306) e "trazer um certo grau de ajustamento entre o ambiente e a vida social" (Boas, 1938:63). Há uma relação mútua entre cultura e ambiente: o ambiente modifica a cultura, e a cultura modifica certos aspectos do ambiente, o que Boas (1930) exemplifica da seguinte maneira: "A ausência de verduras limita a cultura do esquimó, enquanto a ausência da neve restringe aquela dos habitantes da África Central. A ausência de madeira nos estepes, de pedra nos atóis, de peixe no deserto, todos são fatores limitantes" (Boas, 1930:99). Dessa maneira, a influência do meio ambiente se limita a um papel coadjuvante (Speth, 1978:13) no sentido de representar apenas um estímulo para o desenvolvimento de formas culturais. A neve dura do Ártico, por exemplo, levou o esquimó e não outras tribos a inventar o iglu, enquanto a ocorrência de argila não resulta no desenvolvimento de cerâmica em qualquer lugar (Boas, 1930:99). As relações espaciais, portanto, apenas permitem o contato, enquanto os processos são culturais e não podem ser reduzidos a leis geográficas (Boas, 1940e:266). Em sua viagem de 1883, Boas se convenceu de que a prática social de uma tribo – como resultado de uma multiplicidade de fatores históricos – representava um determinante muito mais importante para o pensamento e comportamento humano que os fatores naturais.

ÁREAS CULTURAIS

Um outro tópico são as áreas culturais cujas idéias iniciais derivam menos de pesquisas aplicadas que da administração de museus. O antropólogo alemão Adolf Bastian introduziu esse conceito como um sistema de catalogar e classificar artefatos no museu,

sem seguir a "ordem cronológica" dos evolucionistas, do mais primitivo ao mais desenvolvido. Essas "províncias geográficas" de Bastian objetivavam organizar as coleções etnográficas com base em sua Geografia e não em seqüências evolucionárias (Trindell, 1969:328).

Para Boas (1930:105), o conceito de área cultural foi desenvolvido como meio para descrever as características típicas de tribos culturalmente relacionadas que geralmente são encontradas em áreas contíguas. Como ferramenta analítica, as áreas culturais são pequenos territórios geográficos bem definidos, nos quais fenômenos étnicos similares são provavelmente produto de um desenvolvimento histórico em comum. As comparações não excederiam os limites da área cultural que formava a base de estudo. Embora Boas tenha identificado o conceito de área cultural em seus primeiros trabalhos, não o aplicou em suas pesquisas empíricas, porque "como qualquer dispositivo classificatório que se baseie em uma seleção de traços típicos, esse conceito contém um forte elemento subjetivo e varia conforme a ênfase dada a um ou outro traço da cultura" (Boas, 1930:105). De acordo com seu "particularismo histórico radical", Boas temia a generalização das culturas. Dessa forma, outros antropólogos, principalmente seu discípulo Alfred Kroeber e o psicólogo e antropólogo Clark Wissler se encarregaram de aplicar esse conceito mas concretamente na Antropologia, não como "agrupamento geográfico de unidades sociais com cultura similar", mas como teoria aprofundada de indicar mudanças culturais.

Boas aprovava o conceito apenas no sentido de analisar as áreas culturais de vários pontos de vista (cultura material, organização social e crenças) para

"nos dar uma visão das condições que ajudaram a formar cada cultura individual" (Boas, 1930:106)⁶. Mikesell (1967) observa que "o conceito de área cultural raramente tem sido mais que um dispositivo classificatório ou pedagógico" (Mikesell, 1967:623), paralelo à Geografia na qual um "conceito regional desarrumado" continua sendo considerado uma das ferramentas essenciais tanto no ensino como na pesquisa (idem:624).

No Brasil, o conceito de áreas culturais de Wissler mais tarde contribuirá para os estudos da aculturação e das relações raciais como, por exemplo, o mapa da divisão das áreas culturais indígenas do Brasil de Eduardo Galvão (1960), ou para a proposta mais nacionalista de Diegues Jr. (1980) de dividir o país em doze "regiões diferenciadas culturalmente, embora a língua, o cristianismo, a organização da família e a estrutura política mantivessem a unidade exterior" (Diegues Jr., 1980:34).

A DIFUSÃO CULTURAL _____

O intuito de Boas era a reconstrução histórica das culturas desde suas origens, para poder explicar as atuais. Como não havia registros escritos de muitos povos pesquisados, tornou-se necessário reconstruir processos temporais através da distribuição espacial de fenômenos culturais. Diferente dos evolucionistas que interpretaram a semelhança entre povos como o mesmo estágio de desenvolvimento, as diferenças foram vistas como resultado de um processo de difusão (Fischer, 1993:16). Em outras palavras, "para os adeptos dessa corrente de pensamento, as semelhanças e diferenças culturais resultaram mais da presença ou ausência dos processos de difusão que das invenções isoladas de diferentes culturas" (Marconi e Presotto, 1989:262).

Com base da obra do geógrafo alemão Friedrich Ratzel, um dos pioneiros a conceber a Geografia como investigação histórica, ao analisar a difusão de mitos para demonstrar a correlação entre os lugares geográficos dos povos e seus contos, Boas se utilizou dessa temática para atacar os antropólogos evolucionistas que consideraram a semelhança de costumes ou invenções entre diferentes povos prova da universalidade dos traços culturais que queriam definir através de "leis culturais". O alvo de seu ataque foi o antropólogo Otis Mason, que nas décadas de 1880 e 1890 tratava da organização de coleções de museus conforme um sistema semelhante àquele taxonômico da biologia. Conforme sua visão evolucionista, o material em exposição deveria obedecer a uma seqüência de desenvolvimento sem levar em conta o tempo ou o espaço, das culturas mais simples às mais complexas, das homogêneas às heterogêneas (Rohner e Rohner, 1969:23). Mason tinha a noção tradicional das "invenções independentes" e sua causalidade: causas semelhantes produziam efeitos semelhantes. Daí as mesmas invenções surgirem sob as mesmas condições. Boas, por sua vez, questionou essa dedução, alegando que causas não-parecidas produziam efeitos não-parecidos, ou em outras palavras, "causas parecidas produziam efeitos não-parecidos" (Stocking Jr., 2001:28).

Para Boas, o arranjo dos artefatos conforme sua distribuição geográfica e proveniência permitiria compreender os fenômenos em seu desenvolvimento histórico e sua fundamentação fisiológica e psicológica.

Estudos sobre a difusão deveriam partir do caso particular para o geral (distribuição em pequenas áreas antes de mapear sua distribuição nos continentes e no mundo), da distribuição real dos fenômenos

empíricos e não da definição conceitual (Rohner e Rohner, 1969:17), tanto que "as semelhanças e a classificação não eram o ponto de partida da investigação, mas um objetivo a ser alcançado arduamente" (Stocking Jr., 2001:30), já que a classificação não significa explanação. Boas enfatizava que apesar da grande diversidade de formas culturais e das enormes diferenças físicas dos povos, não havia um que criasse sua própria cultura autônoma e independente de influências externas. Os processos migratórios e o contato cultural entre os povos foram os principais responsáveis pela difusão de traços culturais, e elementos indicadores como a língua, os contos populares, a organização política e a agricultura serviram como prova de que as diferentes culturas se desenvolveram historicamente sob o impacto de vários tipos de influência provindos de povos vizinhos ou distantes (Boas, 1938b).

Para Boas, a difusão era instrumento e não meio para o fim. Importavam menos os processos de difusão que as mudanças que provocavam: como sistemas culturais mudam? Por que um povo aceita determinados elementos e não outros através de contatos culturais e difusão? Para entender essa dinâmica tornava-se necessário realizar um trabalho empírico, indutivo e psicológico com os grupos étnicos (Rohner e Rohner, 1969:17).

FRANZ BOAS NO SÉCULO XXI _____

Trinta e cinco anos após o curto artigo de Trindell (1969), a paisagem intelectual da Geografia Cultural mudou consideravelmente. A Escola de Berkeley, que se inspirava nas teorias do boasiano Alfred Kroeber, foi acusada de determinista e superorgânica (Duncan, 1980). A cultura por si mesma seria uma coisa apenas

explicável em seus próprios termos e o indivíduo um mero agente e mensageiro carregando informações das forças culturais (Duncan, 1980:184-185). Franz Boas também chegou a criticar essa atitude superorgânica, alegando que "dificilmente seria necessário considerar a cultura uma entidade mística que existe fora da sociedade de seus portadores individuais e se movimenta por sua própria força" (idem:189).

Resta saber como seria uma Geografia Cultural com maior influência de Boas que de seus discípulos, ainda que possa ser constatada uma "força surpreendente pela qual a tradição histórica alemã tem penetrado a Geografia e a Antropologia americana – suas definições distintas, seus princípios, métodos e até sua ética" (Speth, 1999:7). Apesar de sua personalidade forte e individualista, Boas não chegou a criar uma boasologia, em analogia com a sauerologia (Mikesell, 1987) da Geografia Cultural nos Estados Unidos.

A essência da contribuição científica de Franz Boas está principalmente no levantamento de um vasto número de novos problemas e na maneira de resolvê-los, sabendo quando parar e respeitando "as fronteiras da provação" (Kroeber, 1943:26).

Boas pode ser considerado o último cientista a abraçar o campo inteiro da Antropologia, desde as questões da cultura até a Lingüística e a Antropometria. Ao mesmo tempo, serve também como advertência para os geógrafos culturais que estão se distanciando cada vez mais dos conhecimentos, dados e teorias da Antropologia do passado. Nessa ruptura epistemológica, a única razão para ler "clássicos" como Franz Boas parece ser a produção de "destruições devastadoras" e "leituras críticas", sem pensar na utilidade e apreciação dessas idéias e dados nos tempos atuais, como acusa Lewis (1998):

Isso é muito preocupante, porque os problemas intelectuais que são o coração do campo não têm sido resolvidos pelos hermenêuticos, pós-modernistas, pós-estruturalistas, pós-colonialistas (...). As questões básicas com as quais nossos predecessores lutaram há 100 anos ainda estão conosco, mas as lições ganhas às duras penas que eles nos ensinaram estão sendo esquecidas.

Franz Boas nunca sistematizou suas teorias e sempre alertava alunos a ler menos e pensar mais (Mead, 1959:34), tanto que seu verdadeiro valor deve ser procurado em sua personalidade como pesquisador de culturas, que nunca se compreendeu como humanista, mas que transmitia valores humanísticos. Suas pesquisas seguiam rigorosamente seus princípios: a rejeição de modelos deterministas simplistas e dos padrões etnocêntricos da evolução cultural, sua valorização dos processos sociais conscientes da determinação do comportamento humano e sua concepção do homem não como ser racional, mas como ser que pratica o raciocínio (Stocking Jr., 1966).

Sua "curiosidade epistemológica sobre a relação entre os mundos objetivos e subjetivos" (Speth, 1999:12) levou Boas da Física à Antropologia através da Geografia. Por um lado, baseava-se nos princípios físicos visando à obtenção de leis gerais (ainda que naturais e não científicas), mas por outro sabia que isso não seria possível para os estudos sobre as culturas, tanto que ficou ciente de seu "entusiasmo gelado" e "impulso ardente e sem pena, completamente controlado por todas as verificações críticas" (Kroeber, 1943:22), admitindo apenas conclusões seguras e deixando muitas de suas respostas parciais e insatisfatórias.

Para ele, a Antropologia era "uma coleção de suposições arreadas e um terreno de caça para o

amador romântico das coisas primitivas, (...) uma disciplina na qual teorias podem ser testadas e na qual tinha limitado as possibilidades das impossibilidades" (Benedict, 1943:61).

O aspecto mais forte são os trabalhos empíricos de Boas⁷. Para ele, uma pesquisa de campo consistia em três etapas: a exploração dos traços culturais, a investigação de tribos ou grupos vizinhos e a descoberta de leis gerais (Rohner e Rohner, 1969:21-23). Esta última nunca foi alcançada por Boas, que não se sentiu autorizado a isso por não ter uma base "suficiente" para a formulação de leis. Segundo o cientista, os dados per si foram a matéria importante, porque "só através do registro e do exame dos dados, a cultura pode emergir" (Goldschmidt, 1959b:1). Por isso, Boas exigia que para compreender os pensamentos de um povo, a análise deveria se basear nos conceitos dos investigados e não do pesquisador. Muitas de suas pesquisas consistiam na transcrição de textos originais das línguas indígenas, porque o que as pessoas registram de si mesmas em suas próprias palavras revelará em última análise suas motivações e idéias mais exatamente (Reichard, 1959:55). O resultado foram centenas de páginas de textos sem comentários e explicações.

"Boas permaneceu como físico e a ciência foi a sua religião" (Kroeber, 1959:6). Sendo assim, a ciência não poderia tolerar subjetividade e julgamento de valores, e não trataria de valores culturais (Kroeber, 1943:25). Afinal, Franz Boas se destaca menos por sua influência na Geografia Cultural que por sua personalidade forte no cenário da Antropologia americana, seguindo rigorosamente suas regras objetivas para analisar fenômenos humanos. Nas palavras do próprio Boas, "é interessante aprender como as pessoas pensam, mas isso não ajuda o trabalho" (Rohner, 1969:136).

- ¹ Notavelmente na década de 1930 havia relações mais estreitas entre a Geografia e a Antropologia em Berkeley, quando Alfred Kroeber até chegou a propor um departamento em conjunto, unindo as duas disciplinas e a História Cultural (Speth, 1999:48-227).
- ² Stocking Jr. (2001:45) divide os discípulos de Boas em "ortodoxos" (Spier, Lowie, Herskovits), "desenvolvidos" (Benedict, Mead) e "rebeldes" (Kroeber, Radin, Sapir). Estes últimos escolheram determinados aspectos das suposições boasianas e levaram essas idéias para mais longe do que o próprio Boas aceitaria.
- ³ Para uma reconstrução da vida de Boas até 1906 (relatos detalhados da sua infância, duelos nos movimentos estudantis, ataques de anti-semitismo e outros assuntos pessoais), veja Cole (1999).
- ⁴ Em língua portuguesa existem apenas duas traduções das obras de Boas: *Arte Primitiva* publicado em Portugal (Boas, 1996) e *Antropologia Cultural* publicado no Brasil (Boas, 2004). Este último reúne cinco ensaios da coletânea *Race, Language and Culture* (Boas, 1940a). Boas é mais conhecido no Brasil por suas pesquisas sobre raça e cultura, e influenciou Gilberto Freyre que chegou a cursar disciplinas com Boas na Universidade de Columbia e o considerou "a figura de mestre que me deixou até hoje mais impressão" (Freyre, 1966:25).
- ⁵ Ao conceber os elementos naturais como "possíveis fatores da modificação de culturas", pode-se suspeitar de "tendências possibilistas" na Antropogeografia de Franz Boas. No entanto, o *genre de vie* de Vidal de la Blache, sua busca por leis gerais e seu estudo de fatos humanos com métodos biológicos tornaram impossível uma conciliação com as idéias de Boas (Speth, 1978:18-24).
- ⁶ O antropólogo George Peter Murdock (1953) foi mais longe em busca de uma generalização científica das culturas e as classificou conforme um esquema biológico em áreas culturais (região, família), clusters culturais (nação, gênero), culturas (tribo, espécie), "subculturas" ("subtribo", variedade) e variantes culturais locais (comunidade, subvariedade).
- ⁷ Boas também se destacou por seus mapeamentos, indicando a relação estreita entre cultura, espaço e sua representação. Um exemplo ilustrativo é a publicação sobre os nomes geográficos dos kwakiutl (Boas, 1934). Nela, Boas mostrou como os topônimos são influenciados tanto pela cultura indígena, suas atitu-

des e seus valores quanto pela morfologia da língua. O texto contém além da lista alfabética dos nomes de lugares um anexo com 22 mapas esquemáticos nos quais constam as localidades de cada nome mencionado no texto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDREWS, H.A. et al.. "Bibliography of Franz Boas". *American Anthropologist*, v.45, n.3 (parte 2, Memoir Series, n.61), 1943, pp. 67-109.
- BENEDICT, Ruth. "Franz Boas". *Science*, v.97, 1943, pp.60-62.
- BENISON, Saul. "Geography and the Early Career of Franz Boas". *American Anthropologist*, v.51, 1949:523-526.
- BOAS, Franz. *Beiträge zur Erkenntnis der Farbe des Wassers. Inaugural-Dissertation zur Erlangung der philosophischen Doktorwürde unter Zustimmung der philosophischen Fakultät zu Kiel*. Kiel: Schmidt & Kleining, 1881 (tese de doutoramento).
- . *Baffin-Land. Geographische Ergebnisse einer in den Jahren 1883 und 1884 ausgeführten Forschungsreise*. Gotha: Justus Perthes (Petermanns Mitteilungen Ergänzungsheft: 80), 1885.
- . *Anthropology*. In: SELIGMAN, E.R.A (ed.) *Encyclopedia of the Social Sciences*, v.2. New York: MacMillan, 1930, pp.73-110.
- . *Geographical Names of the Kwakiutl Indians*. Nova Iorque: Columbia University Press, 1934.
- . *The Mind of Primitive Man*. New York: MacMillan, 1938a.
- . *The Diffusion of Cultural Traits*. *Social Research*, v.4, n.3, 1938b, pp.286-295.
- . *Race, Language and Culture*. New York: The Free Press, 1940a.
- . "The Study of Geography". In: ----- . *Race, Language and Culture*. New York: The Free Press, 1940b [1887], pp. 639-647.
- . "The Aims of Ethnology". In: ----- . *Race, Language and Culture*. New York: The Free Press, 1940c [1888-89], pp. 626-638.
- . "The Limitations of the Comparative Method of Anthropology". In: ----- . *Race, Language and Culture*. New York: The Free Press, 1940d [1896], pp.270-280.
- . "Some Problems of Methodology in the Social Sciences". In: ----- . *Race, Language and Culture*. New York: The Free Press, 1940e [1930], pp. 260-269.
- . "The Aims of Anthropological Research" . In: ----- . *Race, Language and Culture*. New York: The Free Press, 1940f [1932], pp.243-259.
- . "History and Science in Anthropology: a Reply". In: ----- . *Race, Language and Culture*. New York: The Free Press, 1940g [1936], pp.305-311.
- . *Arte Primitiva*. Lisboa: Fenda, 1996.
- . *Antropologia Cultural*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- BUNZL, Matti. "Franz Boas and the Humboldtian Tradition: From Volksgeist and Nationalcharakter to an Anthropological Concept of Culture". In: STOCKING Jr., George. (ed.) *Volksgeist as Method and Ethic: Essays on Boasian Ethnography and the German Anthropological Tradition*. *History of Anthropology*, v. 8. Madison: University of Wisconsin Press, 1996, pp.17-78.

- COLE, Douglas. Franz Boas: The Early Years, 1858-1906. Vancouver: Douglas & McIntyre, 1999.
- DIÉGUES Jr., Manuel. Etnias e Culturas no Brasil. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1980.
- DUNCAN, James. "The Superorganic in American Cultural Geography". *Ann. Assoc. Amer. Geogr.*, v.70, n.2, 1980, pp.181-198.
- FISCHER, Hans (ed.). *Ethnologie: Einführung und Überblick*, 3ª ed.. Berlin: Reimer, 1993.
- FREYRE, Gilberto. Casa-Grande e Senzala. Formação da Família Brasileira sob o Regime de Economia Patriarcal, tomo I, 14ª ed.. Recife: Imprensa Oficial, 1966.
- GALVÃO, Eduardo. "Áreas Culturais Indígenas do Brasil – 1900-1959". *Boletim Museu Paraense Emílio Goeldi*, n.s., Antropologia, n. 8. Belém, 1960.
- GOLDSCHMIDT, Walter (ed.). *The Anthropology of Franz Boas. Essays on the Centennial of his Birth. Memoir Series of the American Anthropological Association*, n.89. New York: Kraus Reprint Co., 1959a, v. 60, n.5, parte 2.
- GOLDSCHMIDT, Walter. "Introduction". In: GOLDSCHMIDT, Walter (ed.). *The Anthropology of Franz Boas. Essays on the Centennial of his Birth. Memoir Series of the American Anthropological Association*, n. 89. New York: Kraus Reprint Co., v.60, n.5, parte 2, 1959b, pp.1-3.
- GOMES, Paulo Cesar da Costa. *Geografia e Modernidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.
- HERSKOVITS, Melville J.. "Past Developments and Present Currents in Ethnology". *American Anthropologist*, v.61, 1959, pp.389-398.
- JACKSON, Peter. *Maps of Meaning – An introduction to Cultural Geography*. Londres: Routledge, 1989.
- KEESING, Felix M.. *Antropologia Cultural – A Ciência dos Costumes*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1961, v.1.
- KLUCKHOHN, Clyde & PRUFER, Olaf. "Influences During the Formative Years". In: GOLDSCHMIDT, Walter (ed.). *The Anthropology of Franz Boas. Essays on the Centennial of his Birth. Memoir Series of the American Anthropological Association*, n. 89. New York: Kraus Reprint Co., v.60, n.5, parte 2, 1959, pp. 4-28.
- KROEBER, Alfred L. et al.. *Franz Boas (1858-1942). Memoir Series of the American Anthropological Association*, n.61. New York: Kraus Reprint Co., 1943.
- KROEBER, Alfred L. "Franz Boas: The Man". *American Anthropologist*, v.45, n.3 (parte 2, Memoir Series, n.61), 1943, pp.5-26.
- , "The Place of Boas in Anthropology". *American Anthropologist*, v.58, 1956, pp.151-159.
- , "Preface". In: GOLDSCHMIDT, Walter (ed.). *The Anthropology of Franz Boas. Essays on the Centennial of his Birth. Memoir Series of the American Anthropological Association*, n.89. New York: Kraus Reprint Co., v.60, n.5, parte 2, 1959, pp. 5-7.
- LEWIS, Herbert S.. "The Misrepresentation of Anthropology and its Consequences". *American Anthropologist*, v.100, n.3, 1998, pp.716-731.
- LIVINGSTONE, David N.. *The Geographical Tradition. Episodes in the History of a Contested Enterprise*. Londres: Blackwell, 1992.
- MARCONI, Marina de Andrade & PRESOTTO, Zelia Maria Neves. *Antropologia: uma Introdução*. São Paulo: Atlas, 1992.
- MEAD, Margaret. *Apprenticeship Under Boas*. In: GOLDSCHMIDT, Walter (ed.). *The Anthropology of Franz Boas. Essays on the Centennial of his Birth. Memoir Series of the American Anthropological Association*, n.89. New York: Kraus Reprint Co., v.60, n.5, parte 2, 1959, pp.29-45.
- MELLO, Luiz Gonzaga de. *Antropologia Cultural. Iniciação, Teoria e Temas*, 2ª ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 1983.
- MIKESELL, Marvin. "Geographic Perspectives in Anthropology". *Ann. Assoc. Amer. Geogr.*, v.57, 1967, pp. 617-634.
- , Sauer and "Sauerology": a Student's Perspective. In: KENZER, Martin S. (ed.) *Carl O. Sauer: A tribute*. Corvallis: Oregon State University Press, 1987, pp.144-150.
- MITCHELL, Don. *Cultural Geography. A Critical Introduction*. Londres: Routledge, 2000.
- MURDOCK, George Peter. *The Processing of Anthropological Materials*. In: KROEBER, Alfred L. (org.). *Anthropology Today. An Encyclopedic Inventory*. Chicago: University of Chicago Press, 1953, pp.476-487.
- REICHARD, Gladys A. "Franz Boas and Folklore". *American Anthropologist*, v.45, n.3 (parte 2, Memoir Series, n.61), 1943, pp.52-57.
- ROHNER, Ronald P. (ed.). *The Ethnography of Franz Boas: Letters and Diaries of Franz Boas Written on the Northwest Coast from 1886 to 1931*. Chicago: University of Chicago Press, 1969.
- & ROHNER, Evelyn C. "Introduction: Franz Boas and the development of North American Ethnology and Ethnography". In: ROHNER, Ronald P. (ed.). *The Ethnography of Franz Boas: Letters and diaries of Franz Boas written on the Northwest Coast from 1886 to 1931*. Chicago: University of Chicago Press, 1969, pp.13-30.
- SPETH, William W. "The Anthropogeographic Theory of Franz Boas". *Anthropos*, v.73, 1978, pp.1-31.
- , *How it came to be. Carl O. Sauer and the meanings of anthropogeography*. Ellensburg/WA: Ephemera Press, 1999.
- SPIER, Leslie. "Some elements in the legacy". In: GOLDSCHMIDT, Walter (ed.). *The Anthropology of Franz Boas. Essays on the centennial of his birth. Memoir Series of the American Anthropological Association No.89*. New York: Kraus Reprint Co., v.60, n.5, parte 2, 1959, pp.146-155.
- STOCKING Jr., George W. "Franz Boas and the Culture Concept in Historical Perspective". *American Anthropologist*, v.68, 1966, pp.867-882.
- , *A Franz Boas Reader: The shaping of American Anthropology, 1883-1911*. Chicago: University of Chicago Press, 1974.
- , "Boasian ethnography and the German Anthropological Tradition". In: STOCKING Jr., George (ed.). *Volkgeist as Method and Ethic: Essays on Boasian Ethnography and the German Anthropological Tradition. History of Anthropology*. Madison: University of Wisconsin Press, v.8, 1996, pp.3-8.
- , "The basic assumptions of Boasian Anthropology". In: STOCKING JR., George W. *Delimiting Anthropology: Occasional essays and reflections*. Madison: University of Wisconsin Press, 2001, pp.24-48.
- TRINDELL, Roger T. "Franz Boas and American Geography". *The Professional Geographer*, v.21, n.5, 1969, pp. 328-332.
- WAX, Murray. "The Limitations of Boas' Anthropology". *American Anthropologist*, v.58, 1956, pp.63-74.
- WHITE, Leslie A. *The ethnography and ethnology of Franz Boas*. Texas Memorial Museum, Bulletin 6. Austin: University of Texas Press, 1963.
- Paris : La Découverte, 1985.

ABSTRACT

FRANZ BOAS IS CONSIDERED ONE OF THE MOST IMPORTANT CHARACTERS IN THE FORMATION AND SYSTEMATIZATION OF AMERICAN ANTHROPOLOGY. DESPITE HIS SOLID TRAINING AS A PHYSICIST AND GEOGRAPHER, BOAS DID NOT TURN OUT TO BE A SIGNIFICANT INFLUENCE ON GEOGRAPHY IN SUCH A WAY THAT SOME GEOGRAPHERS DO NOT JUDGE HIM BY HIS CONTRIBUTIONS, BUT BY WHAT HE COULD HAVE CONTRIBUTED TO THE DISCIPLINE. THE ANALYSIS OF HIS EXTENSIVE SCIENTIFIC PRODUCTION AND HIS PHILOSOPHICAL UNDERPINNINGS IN THE LIGHT OF HIS PERSONAL TRAJETORY COULD STIMULATE A BROADER DEBATE ON BOAS' INDIRECT, POTENTIAL OR VIRTUAL INFLUENCE IN CULTURAL GEOGRAPHY. IN THIS CONTEXT, THREE TOPICS CONNECTED TO THE STUDY OF SPACE AND CULTURE CAN BE EMPHASIZED: THE RELATION BETWEEN MAN AND ENVIRONMENT, THE CULTURAL AREA CONCEPT AND CULTURAL DIFFUSION.

KEYWORDS: FRANZ BOAS, GERMAN ROMANTICISM, BOASIAN GEOGRAPHY, CULTURAL GEOGRAPHY.